

**CURRÍCULO E TRABALHO DOCENTE:
relatos num contexto pandêmico**

**CURRICULUM AND TEACHING
WORK: reports in a pandemic
contexto**

**CURRÍCULO Y LABOR DOCENTE:
informes en contexto de pandemia**



Revista Espaço do Currículo

ISSN 1983-1579

Doi: 10.15687/rec.v15i3.62420

<http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php>

Resumo: Este artigo originou-se de um projeto de pesquisa submetido à Plataforma Brasil e aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa – CNPq. O objetivo deste trabalho é apresentar e problematizar as experiências e práticas pedagógicas narradas por vinte e sete docentes que atuam na Educação Básica, pública e privada, na cidade de Caxias (MA), durante a Pandemia Covid-19, período que desenvolveram suas atividades pedagógicas de modo EAD/remoto. Esta tessitura, de abordagem qualitativa, de cunho bibliográfico e documental apresenta três categorias de análise: I- Acompanhamento pedagógico/emocional e psicológico; II- Valorização social e profissional do/a professor/a no contexto pandêmico; III- Aspectos pessoais e profissionais numa perspectiva pós-pandêmica. As discussões, análises e sínteses proferidas a partir das narrativas dos/as profissionais entrevistados/as, intercambiadas com um aporte teórico crítico, denotam a não valorização profissional, a invisibilização, responsabilização, heteronomia e intensificação da precarização do trabalho dos/as professores/as no contexto social pandêmico, tendo como pano de fundo, a imposição de “uma reinvenção do fazer pedagógico”, através de uma racionalidade tecnológica instrumental, que representa uma dada concepção de educação e formação humana.

Palavras-chave: Ensino Remoto. Contexto de pandemia da COVID-19. Currículo.

Recebido em: 28/02/2022

Aceito em: 18/04/2022

Publicação em: 15/12/2022

Nadja Regina Sousa Magalhães

Doutora em Educação

Supervisora Escolar da Secretaria de Educação do Estado de Santa Catarina, Brasil.

E-mail: nadjamagalhaes78@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1349-4487>

Franc-Lane Sousa Carvalho do Nascimento

Doutora em Educação

Professora da Universidade Estadual do Maranhão, Brasil.

E-mail: franlanecarvalhon@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6956-4670>

Luciana Serra Passos

Mestranda em Educação

Mestranda em Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina e Coordenadora Pedagógica da Secretaria de Educação do Estado da Bahia, Brasil.

E-mail: luciserrap@hotmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4807-9075>

Como citar este artigo:

MAGALHÃES, N. R. S.; NASCIMENTO, F. L. S. C.; PASSOS, L. C. CURRÍCULO E TRABALHO DOCENTE: relatos num contexto pandêmico. **Revista Espaço do Currículo**, v. 15, n. 3, p. 1-18, 2022. ISSN 1983-1579. DOI: <https://doi.org/10.15687/rec.v15i3.62420>.

Abstract: This article originated from a research project, submitted to Plataforma Brasil and approved by the Research Ethics Committee – CNPq. The objective of this work is to present and problematize the experiences and pedagogical practices narrated by twenty-seven teachers who work in Basic Education, public and private, in the city of Caxias (MA), during the Covid-19 Pandemic, a period in which they developed their activities. EAD/remote pedagogical practices. This fabric, with a qualitative approach, of a bibliographic and documentary nature, presents three categories of analysis: I - Pedagogical/emotional/psychological monitoring; II - Social and professional appreciation of the teacher in the pandemic context; III - Personal and professional aspects in a post-pandemic perspective. The discussions, analyzes and syntheses, given from the narratives of the professionals interviewed, exchanged with a critical theoretical contribution, denote the lack of professional appreciation, the invisibility, accountability, heteronomy and intensification of the precariousness of the work of teachers. as in the pandemic social context, having as a background, the imposition of “a reinvention of pedagogical practice”, through an instrumental technological rationality, which represents a given conception of education and human formation.

Keyword: Remote Teaching. COVID-19 pandemic context. Resume.

Resumem: Este artículo tiene su origen en un proyecto de investigación, presentado a Plataforma Brasil y aprobado por el Comité de Ética en Investigación – CNPq. El objetivo de este trabajo es presentar y problematizar las experiencias y prácticas pedagógicas narradas por veintisiete docentes que actúan en la Educación Básica, pública y privada, en la ciudad de Caxias (MA), durante la Pandemia del Covid-19, período en las que desarrollaron sus actividades EAD/prácticas pedagógicas a distancia. Este tejido, con abordaje cualitativo, de carácter bibliográfico y documental, presenta tres categorías de análisis: I - Acompañamiento pedagógico/emocional/psicológico; II - Valoración social y profesional del docente en el contexto de la pandemia; III - Aspectos personales y profesionales en una perspectiva pospandemia. Las discusiones, análisis y síntesis, dadas a partir de las narrativas de los profesionales entrevistados, intercambiadas con un aporte teórico crítico, denotan la falta de valoración profesional, la invisibilización, la rendición de cuentas, la heteronomía y la intensificación de la precariedad del trabajo de los docentes. contexto social pandémico, teniendo como trasfondo, la imposición de “una reinención de la práctica pedagógica”, a través de una racionalidad tecnológica instrumental, que representa una determinada concepción de la educación y la formación humana.

Palabras-clave: Enseñanza remota. Contexto pandémico de COVID-19. Reanudar.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho teve origem a partir de um Projeto de Pesquisa submetido à Plataforma Brasil, em seguida, direcionado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP-CNPq) da Universidade Estadual do Maranhão - UEMA. As pesquisadoras envolvidas neste estudo comprometeram-se com as normas preconizadas pela Resolução do CNS 466/12 (BRASIL, 2012) e suas complementares, que tratam dos aspectos éticos da pesquisa envolvendo seres humanos, de modo a assegurar o anonimato dos pesquisados.

O período pandêmico trouxe desafios à sociedade como um todo. É irrefutável que o cenário pandêmico impactou a vida humana no planeta, ditou, desde o mês de março do ano de 2020, novos modos de relações humanas, tal qual o isolamento social e conseqüentemente a suspensão presencial de funcionamento em instituições educacionais, comércio, espaços diversos, de modo a conter a circulação de pessoas e prevenir a disseminação do Coronavírus, causador da COVID 19. Especificamente, em relação às instituições educacionais, no Brasil:

Entre os quase 56 milhões de alunos matriculados na educação básica e superior no Brasil, 35% (19,5 milhões) tiveram as aulas suspensas devido à pandemia de Covid-19, enquanto que 58% (32,4 milhões) passaram a ter aulas remotas. Na rede pública, 26% dos alunos que estão tendo aulas online não possuem acesso à internet (AGÊNCIA SENADO, 2020 apud SAVIANI, GALVÃO, 2021).

Frente ao quadro sanitário global e o impacto sobre as vidas humanas no planeta, abordar as

práticas pedagógicas desenvolvidas na Educação Básica, por meio das experiências dos professores participantes da pesquisa, através do “Ensino remoto”, ratificado e “legitimado” pelo contexto de pandemia mundial, se impôs, enquanto reflexão crítica, à necessidade de questionar e desvelar o que subjaz a imperativa e compulsória “busca pela reinvenção da prática pedagógica”, seja por meios como teletrabalho, trabalho remoto, EAD, metodologias síncronas e assíncronas, dentre outras nomenclaturas, tendo em comum dentre as “escolhas” metodológicas, a mediatização por instrumental tecnológico.

[...] A pedagogia emergiu como uma das áreas mais sensíveis às novidades, exigindo que o educador esteja sempre atento às últimas inovações buscando incorporá-las na sua prática pedagógica. Vulnerável aos modismos, a pedagogia deve navegar constantemente nas águas da atualidade. (SAVIANI, 2018, p.238).

O contexto de isolamento social causado pela pandemia COVID-19 ocasionou a suspensão do atendimento presencial nas unidades de ensino das redes públicas e privadas no país, a partir da segunda quinzena de março de 2020. No recorte desse estudo, vamos nos ater ao recorte do Município de Caxias, cidade localizada no Estado do Maranhão. Nesse esteio, o calendário escolar caxiense foi flexibilizado, aportado nas orientações da Lei nº 13.979, de 6 de fevereiro de 2020 (BRASIL, 2020), Medida Provisória para enfrentamento da conjuntura de emergência de saúde pública, juntamente com o Parecer nº 5, aprovado em 20 de abril de 2020, que permitiram a flexibilização dos calendários escolares, autorizando, excepcionalmente, que as instituições de ensino da Educação Básica do Brasil não cumprissem a obrigatoriedade dos 200 dias efetivos de trabalho escolar, desde que a carga horária mínima obrigatória de 800 horas fosse devidamente cumpridas.

O Conselho Nacional de Educação, para estruturar esta normativa, considerou também o que preconiza a Lei de Diretrizes da Educação Nacional - LDB nº 9.394 (BRASIL, 1996), bem como o que remete e orienta à Medida Provisória nº 934, de 1º de abril de 2020, que dispôs de normas excepcionais sobre o ano letivo (2020) da Educação Básica e do Ensino Superior em toda educação brasileira:

[...] é importante lembrar que a LDB dispõe em seu artigo 23, § 2º, que o calendário escolar deverá adequar-se às peculiaridades locais, inclusive climáticas e econômicas, a critério do respectivo sistema de ensino, sem com isso reduzir o número de horas letivas previsto nesta Lei. (BRASIL, 2020, p.05).

A partir dessas *flexibilizações*, dentre outras importantes questões a serem pensadas, tais como as concepções e bases epistemológicas a ancorar o processo ensino-aprendizagem a nortear a tomada de decisões, as condições materiais efetivas, considerando a concretude das realidades das escolas e comunidades escolares, do apoio psicossocial frente às perdas humanas e vicissitudes decorrentes, os direcionamentos e olhares foram para o “como” realizar a consecução das atividades pedagógicas, tal qual, escancarou-se as portas da Educação Básica, desde a Educação Infantil, para possibilidades de ensino em modalidade não presencial, consubstanciada na instrumentalização técnica.

O desenvolvimento do efetivo trabalho escolar por meio de atividades não presenciais é uma das alternativas para reduzir a reposição de carga horária presencial ao final da situação de emergência e permitir que os estudantes mantenham uma rotina básica de atividades escolares mesmo afastados do ambiente físico da escola.[...] Entretanto, em que pesem as possibilidades legais e normativas da oferta certa de ensino a distância, cumpre observar que as normas do CNE, via de regra, definem a EaD como modalidade educacional na qual a mediação didático-pedagógica, nos processos de ensino e aprendizagem, ocorre com a utilização de meios e tecnologias digitais de informação e comunicação. (BRASIL, 2020, p.08).

Nesse contexto, o município de Caxias, cidade localizada no Estado do Maranhão, procurou adequar-se às orientações legais, “impondo-se como necessário”, reinventar o desenvolvimento das práticas pedagógicas no âmbito escolar, tal qual pode ser ilustrado pela fala angustiada dos/as professores/as, as quais serão apresentadas no componente análise dos dados.

O estudo se delineou como de abordagem qualitativa, de cunho bibliográfico e documental. O cenário da realização desse estudo foi a cidade de Caxias, cidade localizada no Estado do Maranhão, contando com a participação de 27 (vinte e sete) professores/as que atuam na Educação Básica, em escolas públicas e privadas e desenvolveram atividades pedagógicas de modo remoto. Para realização dos contatos, aplicação dos questionários abertos e levantamento de dados junto aos professores/as, em virtude das restrições impostas para a manutenção do distanciamento social, tanto para mitigar como prevenir a proliferação da COVID-19, fez-se uso de ferramentas tecnológicas e plataformas digitais tais como: *Facebook*, *Instagram* e *WhatsApp*. Os dados produzidos durante a pesquisa foram analisados seguindo a análise de dados de Bardin (2009).

Nesta perspectiva, fez-se uso do mapeamento da realidade vivenciada por esses professores, buscou-se, nesta investigação, a partir das narrativas dos sujeitos envolvidos, tensionar, refletir e problematizar, intercambiando com as contribuições dos/as autores para iluminar a discussão, como os profissionais envolvidos perceberam e aperceberam-se nesse cenário, no fazer pedagógico, assim como, o impacto dessas mudanças na vida pessoal e profissional desses trabalhadores da educação, num processo que estão imbricados, a partir da escuta atenta, tanto a possibilidade de dar voz às suas importantes contribuições, assim como, que possa reverberar em reflexões e ressignificações empaticamente.

A propalada “necessidade de reinvenção da prática pedagógica”, o “novo” *modus operandi*, encobre e enevoa, agora com viés de legitimidade, perversamente, sob o guarda-chuva da Pandemia COVID-19, a intensificação e precarização do trabalho docente. Macedo e Lima (2017) enfatizam que os fundamentos sociais e políticos da precarização do trabalho docente no Brasil tem por marco e remontam à década de 1990, e estão relacionados às políticas de formação de professores, logo, não é um fenômeno novo, assim sendo, ideologicamente consensualizado pela Pandemia COVID-19, imposto e justificado pelas Instituições e mantenedoras das redes de ensino, como “o caminho” possível em virtude das circunstâncias impostas pela pandemia COVID-19.

[...] no campo educacional, a implementação de novos modelos de gestão se transformou em um modo eficaz de avaliar e controlar o trabalho docente, tomando como principal argumento o discurso da garantia da “qualidade” da educação. Nesse sentido, valoriza-se o domínio das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC), o conhecimento tácito e a formação de novas competências por meio das políticas de formação para o trabalho docente no Brasil, especialmente a partir da promulgação da Lei 9.394/1996 – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB). (MACEDO E LIMA, 2017, p. 220).

No esteio da pandemia, “passando a boiada”, a oferta de artifícios educacionais culminou em possibilidades e ações equivocadas que sequelaram o trabalho docente, o processo-ensino-aprendizagem, a escola:

As instituições de ensino também foram surpreendidas pela pandemia e tiveram que rapidamente se adaptar e enfrentar os desafios impostos pela escolha feita. Professores, gestores e alunos tiveram que rapidamente mudar sua forma de atuar nas instituições de ensino. As atividades tiveram que ser repensadas, as práticas pedagógicas alteradas e os conteúdos foram adaptados para as plataformas adotadas para as aulas remotas (TORRES, COSME, SANTOS 2021, p. 02).

A escalada do *ensino remoto* na educação se faz presente no âmbito das escolas públicas e particulares, seja na educação básica e superior, ramificando-se com voracidade exponencial, passando ao largo preocupações como a garantia do acesso, desde equipamentos à internet, seja para professores e alunos, a promoção da formação do professor, às suas condições de trabalho, ou seja, demonstra uma renúncia à responsabilidade com um ensino de qualidade, em uma instância mais ampla, um negligenciamento com uma Escola Pública de qualidade.

Ao longo do estudo apresentaremos uma primeira seção que abordará o caminho metodológico, em seguida, as narrativas que denotam as percepções dos sujeitos da pesquisa acerca da valorização

social e profissional do/a professor/a no contexto de aulas remotas, através das categorias de análise: I - Acompanhamento pedagógico/emocional/psicológico; II - Valorização social e profissional do/a professor/a no contexto de aulas remotas e vivência na pandemia COVID-19; III - Aspectos pessoais e profissionais enquanto professor/a pós-pandemia. Os/as professores/as, através das suas narrativas (respostas às questões das categorias de análise), mediados pelas autoras/pesquisadoras, dialogam com os teóricos que iluminarão dialeticamente as reflexões, seja no desvelamento do contexto sócio-histórico que demanda uma *educação de novo tipo*, dos interesses que ancoram e preconizam a “reinvenção pedagógica” por meio das tecnologias, essa, abordada como um conceito não neutro, assim como, o que subjaz, a partir das bases desveladas, as intencionalidades dos processos formativos de professores e egressos escolares .

Infere-se, enquanto considerações finais, corroborando com Saviani e Galvão (2021), que as implicações e interesses que subjazem o *ensino remoto*, se espraiam enquanto terreno fértil ao florescimento dos interesses privatistas, reverberando no campo educacional, no avanço do Neotecnicismo e do Neoprodutivismo e suas consequências ao trabalho docente, como a responsabilização, heteronomia, intensificação e precarização. Ainda, asseveram os autores, que o discurso de “ensino remoto”, em oposição ao ensino presencial, por falta de alternativa, é falacioso, logo: “[...] a ‘falta de opção’ não foi a inexistência de possibilidades, mas uma escolha política” (SAVIANI, GALVÃO, p.38, 2021).

2. CAMINHOS METODOLÓGICOS

Trata-se de um estudo por meio de narrativas, descritivas, do tipo estudo de caso, cuja finalidade é investigar o cotidiano pedagógico e de cuidados realizados por professores(as) atuantes na Educação Básica, durante a pandemia da COVID-19. Descrevemos as narrativas, como um processo para a pesquisa científica: “[...] É a narrativa que faz de nós o próprio personagem de nossa vida; é ela, enfim, que dá uma história a nossa vida: não fazemos a narrativa de nossa vida porque temos uma história; temos uma história porque fazemos a narrativa de nossa vida” (DELORY-MOMBERGER, 2008, p. 37. Grifos da autora).

A tessitura desse estudo se delineia enquanto de abordagem qualitativa, de cunho bibliográfico e documental. Nesta perspectiva de abordagem, o estudo qualitativo: “[...] é o que se desenvolve numa situação natural, é rico em dados descritivos, tem um plano aberto e flexível e focaliza a realidade de forma complexa e contextualizada” (LÜDKE, ANDRÉ, 2007, p. 18). O cenário da realização desse estudo foi a cidade de Caxias, localizada no Estado do Maranhão, contando com a participação de 27 (vinte e sete) professores/as, que atuam na Educação Básica, em escolas públicas e privadas e desenvolveram atividades pedagógicas de modo remoto, em decorrência da pandemia COVID-19, no ano de 2020.

Para a análise dos dados utilizou-se utilizam-se procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição das mensagens e os seus conteúdos; e a análise de conteúdo desenvolve-se em três fases complementares: a) pré-análise; b) exploração do material; c) tratamentos dos dados, inferência e interpretação (BARDIN, 2011).

Para seleção dos profissionais (professores/as) foram utilizados os seguintes critérios: Inclusão: ser professor/a atuante em escolas públicas ou privadas que tenham trabalhado de modo remoto durante a pandemia COVID-19 no ano de 2020; aceitar, de livre e espontânea vontade, participar da investigação e assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Exclusão: foram excluídos os/as professores/as que estivessem em período de licença, aposentados, em gozo de férias, que estivessem doentes e/ou não estivessem trabalhando no ano de 2020 (durante a pandemia COVID-19).

Para a realização dos contatos, a aplicação dos questionários e o levantamento de dados junto aos professores/as, em virtude das restrições impostas para a manutenção do distanciamento social, tanto para mitigar como prevenir a proliferação da COVID-19, fez-se uso de ferramentas tecnológicas e plataformas digitais tais como: Facebook, Instagram e WhatsApp. À proporção que os professores/as participantes do estudo tinham conhecimento da pesquisa, também contribuíram para sua divulgação, intermediando contatos de outros professores/as (colegas de trabalho), que reuniam as características de acordo com os critérios de definição do público. No quadro I, abaixo, pode ser demonstrada a caracterização do público participante:

Quadro 1 - Perfil do público participante

IDADE/total		Sexo/total		Estado civil		Filhos	
27 a 36	09	Masculino	07	Solteiro/a	09	Não	09
37 a 46	07	Feminino	20	Casado/a	16	Sim	18
47 a 57	11			União Estável	02		
	27		27		27		27

Fonte: Elaboração das autoras, 2021.

Para melhor compreensão da trajetória profissional dos sujeitos aqui pesquisados, fez-se necessário ilustrar e discorrer sobre os “lugares de fala” e “travessias da vida” dos/as professores/as envolvidos/as na pesquisa. No Quadro II poder-se-á observar elementos que ilustram suas trajetórias profissionais:

Quadro 2 - Trajetória Profissional

Tipo de VÍNCULO /total		Formação inicial (Graduação)		Tempo de atuação profissional/total		PÓS-GRADUAÇÃO (lato sensu)		
Privado	04	Pedagogia	17	10 anos	09	Sim	25	
Público	18	Geografia	02	20 anos	10	Não	02	
		Letras- Inglês	01	28 anos				08
		História	02					
		Letras	04					
		Matemática	01					
Público e Privado	05							
	27		27		27		27	

Fonte: Elaboração das autoras, 2021.

Consideramos relevante apresentar elementos da pesquisa que possibilitam caracterizar o perfil socioeconômico dos participantes. Ao serem perguntados/as se eram o(a) principal provedor/a de renda de suas famílias, 12(doze) professores/as pesquisados/as disseram que sim. Os(as) demais, 15(quinze) professores/as, responderam que contribuem com o orçamento doméstico junto às suas famílias. Em relação à pergunta se outras pessoas contribuíram com o orçamento familiar em proporção igual ou maior ao do entrevistado, 09 (nove) professores/as confirmaram.

Dentre os participantes e colaboradores desta pesquisa, 06 profissionais falaram serem o único provedor (todos os seus familiares dependem de suas rendas) da família, que em muitos casos são constituídos por mais de quatro pessoas. Através dos resultados desta pesquisa foi possível perceber que os professores sofreram, e suas situações se agravaram, tanto pelo problema de saúde pública e, em especial, pela situação financeira do país. A composição de renda estimada entre os entrevistados e seus núcleos familiares são apresentados no quadro 3 (três).

Quadro 3 - Total da renda familiar conjunta

VALORES/Total da remuneração dos professores	
R\$ 1.200 e 3.000,00/ mês	05
R\$ 3.001 e 10.000,00/ mês	07
não informaram	15
Total de participantes	27

Fonte: Elaboração das autoras, 2021.

A partir dos dados levantados, podemos caracterizar que o público participante é, em sua grande maioria, de mulheres, com formação em Pedagogia, com Pós-graduação Lato-sensu, com no mínimo 10 anos de carreira/experiência docente, vinculados/as às redes públicas de ensino, casadas, com filhos e contribuem com os orçamentos domésticos de suas famílias, e optaram por não informar as suas médias de renda.

Na seção a seguir serão apresentadas as contribuições dos participantes em relação às suas angústias, incertezas, tensões, medos, desafios nas suas trajetórias, durante o decorrer das atividades letivas durante o período pandêmico, apresentando perspectivas pessoais e profissionais enquanto professor/a durante a pandemia Covid-19, a dialogarem com os autores que problematizam e iluminam a discussão.

3. PERCEPÇÕES ACERCA DA VALORIZAÇÃO SOCIAL E PROFISSIONAL DO/A PROFESSOR/A NO CONTEXTO DE AULAS EAD/REMOTAS: vivências na pandemia COVID-19.

Para análise da empiria e do contexto pesquisado utilizou-se três categorias, as quais constituíram a comunicação para desvelar o tema em estudo: I- Acompanhamento pedagógico/emocional/psicológico; II - Valorização social e profissional do/a professor/a no contexto de aulas remotas/EAD e vivência na pandemia COVID-19; III - Aspectos pessoais e profissionais enquanto professor/a pós-pandemia.

No que diz respeito a primeira categoria Acompanhamento pedagógico/emocional/psicológico, dialoga com os saberes e fazeres, com a finalidade de desvelar os sentidos, políticas, práticas, impactos da pandemia no trabalho docente realizado, bem como as estratégias utilizadas pelas instituições governamentais, em relação as condições trabalhistas, qual preocupação será direcionada com a saúde mental de professores e estudantes.

A segunda categoria, valorização social e profissional do/a professor/a no contexto de aulas remotas/EAD e vivência na pandemia COVID-19; ampliou o olhar para como foi tecido o funcionamento de programas, projetos e tecnologias utilizadas para o desenvolvimento das atividades com os estudantes, contemplando desde a disponibilidade de estrutura física, pedagógica e a previsão da garantia de apoio pessoal e profissional, para a efetivação das práticas com qualidade.

Os Aspectos pessoais e profissionais enquanto professor/a pós-pandemia apontado nesta pesquisa como terceira categoria, enfatizou o processo de (re)construção e cultivo de saberes e fazeres que professor/a apreenderam no seu cotidiano durante o período de pandemia, e como isto afetou, ou contribuiu para as práticas pedagógicas futuras.

Para identificação dos/as participantes da pesquisa utilizou-se a codificação (Professor 1 a 27), com a finalidade de preservação do anonimato e sigilo das suas identidades.

Para análise da CATEGORIA I foi perguntado aos sujeitos participantes: Na escola a qual trabalha, os/as professores/as e estudantes estão tendo acesso a algum tipo de acompanhamento pedagógico/emocional/psicológico? Fale sobre isso.

Responderam 'Não', sem acréscimo de comentários, num universo de 27 profissionais, um total de 11 (onze) participantes: (Professores/as 1, 2, 3, 5, 6, 15, 19, 22, 23, 25 e 27). Responderam 'Sim', sem acréscimo de comentários, num universo de 27 profissionais, um total de 3 participantes: (Professores/as 7, 13, 16). Responderam que 'Não sabiam', um total de 2 participantes: (Professores/as 8, 17). Abaixo, destacamos alguns fragmentos de fala dos participantes:

Sim. O serviço de psicologia está disponível para atendimento aos estudantes. Também foram desenvolvidos encontros com pais e alunos. A cada quinze dias são realizados encontros, no formato de espaço de diálogo com os servidores sobre saúde mental. (Professor 4, grifo nosso, servidor sistema privado).

Sim. Somente o acompanhamento pedagógico via APP e às vezes meus alunos me procuram para conversar, desabafar via watts. (Professor 12, servidor sistema público).

De forma muito incipiente. Estamos tendo mesmo só o nosso trabalho

pedagógico remotamente, ainda que nem todos os alunos consigam ter acesso aos recursos tecnológicos. (Professor 14, servidor sistema público).

Não, a necessidade é urgente, por todas as razões. (Professor 18, servidor sistema público).

Não. Nem gestão, nem coordenação, nem corpo docente, nem funcionários e tampouco alunos. (Professor 20, servidor sistema público).

Desconheço, na rede estadual. No IFMA tem uma equipe multidisciplinar que tem feito este trabalho, só não posso avaliar a qualidade deste serviço. (Professor 24, servidor sistema público).

Não. Isso é uma utopia. (Professor 26, servidor sistema público).

Os dados apontam que a maior parte dos sujeitos participantes da pesquisa afirmam que não foram disponibilizados pelos gestores, Secretarias de Educação, representantes do Estado acompanhamentos/suportes pedagógico/emocional/psicológico. Apenas 3(três) professores disseram que sim e os demais não tinham conhecimento.

Como destacamos anteriormente, não houve nenhuma ação para dar suporte ao professor, nem para organização de aulas, nem de apoio psicológico. Não houve aulas remotas. Assim fica claro a desvalorização do professor e da educação. (Professor 17, servidor sistema público).

Esses depoimentos se coadunam ao que Ripa (2020) denunciou na apresentação do Dossiê Reflexões interdisciplinares sobre a Pandemia causada pela Covid-19: a prioridade é que a engrenagem, instrumentalizada pela técnica, não pare. Corroborando com uma expressão utilizada por Iasi (2009), percebe-se, desse modo, uma verdadeira hipocrisia deliberada!

Essa necessidade de manter o ritmo também está atingindo de forma feroz a área da Educação [...]. Sob a máscara da inovação, devido ao uso das tecnologias digitais, as redes de ensino passaram a implantar - de forma improvisada e autoritária, sem estrutura técnica e pedagógica, desprezando a realidade dos profissionais da educação, bem como dos educandos/as e de suas famílias - as denominadas “[...] atividades pedagógicas não presenciais”, tal como aprovado no Parecer CNE nº 5/2020 (BRASIL, 2020). (RIPA, 2020, p.3).

O professor Malaggi (2020) ilustra através de uma metáfora mitológica grega que, Panaceia, era a deusa da cura. Seu nome deriva dos termos gregos pan (todo) e akos (remédio), em alusão ao fato de que Panaceia era capaz de curar todas as enfermidades que assolam o humano: “remédio para todos os males” ou “o que se emprega para remediar dificuldades”. Alusivamente, assim, segundo o autor, é o status que a tecnologia alcançou na Sociedade administrada hodierna:

[...] racionalizada desde suas entranhas a partir do atravessamento totalitário de valores como “eficácia”, eficiência e padronização enquanto ideias-forças de organização, pensamento e comportamento do/no tecido sócio-histórico. A tecnologia tornou-se uma panaceia: no jogo entre “fins e meios” que abrangem e delimitam os problemas sociais em suas possibilidades históricas, não se discutem mais os fins (os porquês), somente os meios (o como). (MALAGGI, 2020, p.52).

Logo, não se trata de “demonizar” as tecnologias, tão pouco conferir-lhe um caráter messiânico, o que conclamamos a refletir, é avaliá-la como contingente ao contexto socioeconômico de dado contexto e época históricos, ou seja, o que interessa-nos saber é: “[...] a serviço de quem as máquinas e a tecnologia avançada estão?” (MALAGGI, 2020, p.53).

Ainda, corroborando com o autor,

[...] não estamos aqui defendendo um anacronismo tecnóforo a priori, que descarta possibilidades pedagógicas em torno dos artefatos técnicos, sem ao menos questionar-lhes como um dos possíveis elementos constituintes de

processos educativos que mirem a formação integral do ser humano como objetivo estratégico. Trata-se, pois, de a reflexão crítica intencionar um adentramento profundo das camadas constitutivas de uma racionalidade que provê sentido ao técnico, enquanto lógica constituinte (MALAGGI, 2020, p.54).

Os/as Professores/as desabafam que diante da pandemia, “o professor/a não está preparado/a nem tecnologicamente, nem socialmente” (Professor 23, servidor sistema público), ou seja, “o/a professor/a precisa ter formação direcionada às tecnologias e sua utilização” (Professor 25, servidor do sistema público). Infere-se, por meio dos fragmentos de fala, que nos processos norteados por uma racionalidade tecnológica instrumental, os/as professores são ofuscados, cedendo lugar ao treinador, enquanto apêndices do processo, para o manuseio dos seus aspectos operacionais, onde se constata que, mesmo para esse fim, não houve formação e suporte, tal como revelam as falas carregadas de angústias e insatisfações.

Nessa acepção de uso da técnica, ao mesmo tempo que impõe um recuo na autonomia do papel do professor, aumenta sua responsabilização: “Pouca formação para trabalhar nas aulas remotas e muita cobrança.” (Professor 8, professor sistema público). Dessa forma

[...] a tecnologia se firma como fator axial do modo de produção e reprodução das sociedades, quanto mais adentra ao tecido social a partir da visão de certos grupos que acabam por direcionar-lhe a forma de “ser e existir” nas relações sociais, tão mais enigmático o fenômeno tecnológico acaba por se tornar aos sujeitos que dele participam de forma apenas periférica [...], como consumidores ou apêndices das características que os artefatos técnicos imprimem na sua condução social, a partir de demandas que lhes são estranhas. [...] A técnica torna-se reificada, ou seja, é desnudada de seus aspectos sócio-históricos e aparece aos sujeitos somente em sua dimensão instrumental - enquanto “puro” meio ou forma de agir sobre a realidade. (MALAGGI, 2020, p.56 e 57).

Nesta perspectiva, Malaggi (2020, p.66) reitera que, por trás da adoção de plataformas com supostos vieses “modernizantes”, supostamente “interativos” e “inovadores”, reside uma concepção pedagógica nada neutra - de que educar é treinar, adestrar, transmitir, medir: “a operacionalização do conceito de educação.”

Para Marcon (2020), para além de uma circunstância pandêmica (grifo nosso), há que se considerar processos de inclusão digital, que passa ao largo de uma concepção simplista de acesso e instrumentalização às tecnologias, e cita Bonilla (2004) para enfatizar que:

Romper com essa perspectiva implica extrapolar o reducionismo feito ao conceito de inclusão digital e abordá-lo na perspectiva da participação ativa, da produção de cultura e conhecimento, o que implica políticas públicas que invistam efetivamente na capacitação dos professores, oportunizando-lhes condições para questionar, produzir, decidir, transformar, participar da dinâmica social em todas as suas instâncias, bem como trabalhar com seus alunos nessa perspectiva. (BONILLA, 2004, p.01 apud MARCON, 2020, p.6).

Para análise da CATEGORIA II foi solicitado aos sujeitos participantes que descrevessem/relatassem suas percepções sobre a valorização social e profissional do/a professor/a no contexto de aulas remotas e vivências na pandemia de COVID-19. Partimos da questão, os professores participaram do processo de decisão sobre o retorno não presencial, o “modo remoto”?

As respostas apontaram para a não inclusão/convite na participação nas decisões que impactam diretamente nas vidas pessoais e profissionais dos/as professores/as. Esse fato, por si, já dá um indicativo sobre aspectos relacionados à valorização profissional e social docente, reiterado pelas falas indignadas dos/as Professores/as 4 e 5: Péssima. Aceitamos tudo calado com medo de represálias, demissão e redução salarial; precisa de mais acompanhamento, não tem valor, as coisas são só impostas. Infere-se que, certamente, se lhes fossem conferida voz, haveria contribuições, trocas,

debates, num viés a contemplar decisões que respeitassem suas realidades concretas:

Penso ser de pouca valorização. O ideal seria que os governos municipais e estaduais tivessem dado às escolas mais possibilidades para que as aulas remotas fossem mais dinâmicas e eficientes, tipo: a instalação de uma sala multimídia, onde os professores tivessem horários para executar suas aulas, de forma que não corressem riscos de contaminação. (Professor 10, grifo nosso, servidor sistema público).

Se antes da pandemia já éramos desvalorizados, agora foi que ficamos na geladeira e esquecidos. Não sabemos o que fazer, nem como, até porque tivemos uma formação inicial que não nos preparou para isso, sobretudo, no uso das tecnologias, além do mais, nos sentimos desamparados e sem ações efetivas e claras dos órgãos públicos. (Professor 15, grifo nosso servidor sistema público).

Uma tomada de decisão que viesse a denotar valorização profissional e pessoal docente, se fundamentaria na concessão de espaço de fala, debates, estudos, com a participação desses sujeitos, de modo a buscar contemplar as realidades concretas das escolas, as necessidades de apoio psicossocial, de formação, a escolha das estratégias didático-pedagógicas mais adequadas, situadas num contexto socioeconômico não apenas dos professores, mas dos alunos, famílias, pautados numa ancoragem norteada por bases e valores humanitários, democráticos e emancipatórios, que buscassem, à luz dos sujeitos situados, articular organicamente ensino e aprendizagem. No entanto, o/a Professor/a 25 assevera:

1. Não há valorização, e sim, invisibilização deste profissional no contexto social e pandêmico. 2. Há sim, uma forte ação de precarização de seu trabalho, a chamada uberização da docência " dentro do contexto da flexibilização da economia e do papel do país no mercado. 3. Há uma ausência do Estado (federal) nas políticas públicas educacionais e neste contexto está bem explícito. 4. Continua-se reproduzindo a mesma dinâmica historicamente instalada: O se vire professor/a, ou será chamado de incompetente.

E ainda:

As responsabilidades estão centradas nos professores. E estão me cobrando todos os serviços pedagógicos e o ensino dos alunos. (Professor 20, grifo nosso, servidor sistema público).

Nesse momento em que as emoções se misturam e se aliam ao sofrimento, o professor é cobrado a cumprir horário, elaborar aulas mirabolantes e ainda responsabilizado pela pouca ou nenhuma participação de alunos. O professor é, de todos, o mais sacrificado social e moralmente. (Professor 21, grifo nosso, servidor sistema público).

Logo, corroborando com Goedert e Arndt (2020), o imposto ensino remoto, pautado no uso das tecnologias, feito de forma aligeirada, a partir da ausência de discussões ou discussões incipientes, apenas para atender demandas de cumprimento de currículo, num viés aprisionado ao pragmatismo, desarticulado de um propósito educacional que seja significativo aos sujeitos envolvidos, se materializa enquanto arremedo de ensino, sem a aprendizagem, ou seja, um processo inócuo, vazio, como desabafa um dos sujeitos participantes da pesquisa: “Não há um retorno preciso das atividades sugeridas pelo professor e isso nos deixa deprimido.” (Professor 13, grifo nosso, servidor sistema público).

Sob a (pseudo)justificativa de “resolver” os problemas relacionados à educação na Pandemia, percebe-se que:

[...] balizada pela necessidade de resolver os problemas da educação brasileira, vem, inversamente, aprofundando-os. A centralidade no resultado imediato e

na produtividade da escola tem gerado o aprofundamento do apartheid socioeducacional e mais expropriação dos conteúdos escolares elementares nos campos científico, cultural e artístico, os quais permitem aos jovens entender o funcionamento do mundo das coisas e da sociedade humana. Além disso, tal centralidade tem sido acompanhada do cerceamento do trabalho docente, de desqualificação–requalificação da formação docente. (MOTTA, ANDRADE, 2020, p.3).

Embora as redes gestoras da Educação Básica estejam utilizando estratégias e metodologias da modalidade EAD, o que estão oferecendo não é EaD, mas um ensino que usa de estratégias e de metodologias que são próprias dessa modalidade, asseveram Goedert e Arndt (2020). Os professores, de modo geral, não foram preparados em seus processos formativos para exercerem a docência via tecnologias digitais, e de forma abrupta, são lhes exigidos, gravação de aulas on line, vídeos, interagir virtualmente com as crianças e famílias, “[...] que agora vê seu material e suas falas extrapolando as salas de aula presenciais e sendo compartilhadas no mundo digital”, que segundo as autoras,

Tudo isso gera insegurança, um elemento a mais de desestabilização dentro de um cenário epidemiológico que por si só já é bastante caótico. São muitos os especialistas realizando lives, prescrevendo o que o professor deve (ou não) fazer e quais os recursos digitais que pode utilizar para promover atividades não presenciais. São tantas expressões novas que o professor acaba se vendo num emaranhado conceitual e procedimental que o expõe ainda mais pedagogicamente, já não bastassem as dificuldades no manejo das ferramentas tecnológicas. (GOEDERT, ARNDT, 2020, p.114).

Esse cenário é solo fértil para germinar os sentimentos de impotência e angústia dos/as professores/as:

Infelizmente estamos gastando nosso dinheiro em salas de espera de psicólogos e psiquiatras para tratar da mente para poder sobreviver neste mundo cruel. (Professor 18, grifo nosso, servidor sistema público).

Muitos professores não têm também tecnologias disponíveis para desenvolver trabalhos importantes. (Professor 1 grifo nosso, servidor sistema público).

É um dos objetivos deste trabalho proporcionar espaço de fala e visibilidade aos professores/as inseridos/as nesse contexto, logo, seguem assim, outras narrativas e considerações:

A Pandemia mostrou que o professor é insubstituível, mesmo com as inúmeras tecnologias disponíveis, porém é necessário que os governos melhorem as condições de trabalho nas escolas, invista em Formação Continuada e valorize o professor também. O lado financeiro contribui também, para o professor assegurar uma profissão mais digna e que possa adquirir também mais equipamentos pedagógicos dignos para trabalhar. (Professor 1, grifo nosso, servidor sistema público).

Parte da sociedade está entendendo, por experienciar, nossa luta de sala de aula, outros não, acham que estamos ganhando sem trabalhar. (Professor 11, grifo nosso, servidor sistema privado).

Talvez o professor possa ser mais valorizado, pelo fato dos pais estarem vendo que ser professor não é só ser educador, estão sentindo dificuldades no auxílio das atividades escolares. (Professor 16, grifo nosso, servidor sistema público).

Acredito que a classe dos professores ganhou muita visibilidade e até valorização nesse período. Principalmente, na Educação Básica, onde os alunos precisam da supervisão dos pais. Eles conseguiram compreender a dimensão do trabalho do professor, que não se restringe a repassar conteúdos, mas mediar o ensino e contribuir para a formação dos valores humanos. (Professor 24, grifo nosso, servidor sistema público).

Acho que nesse momento, principalmente os pais, estão vendo o quão o professor é importante na vida dos seus filhos. A maioria dos professores da Educação Básica não possuem formação ou equipamentos para atuarem desta maneira. (Professor 27, grifo nosso, servidor sistema público).

Para análise da CATEGORIA III foi solicitado aos sujeitos participantes que narrassem sobre suas perspectivas pessoais e profissionais enquanto professor/a pós-pandemia. Seguem alguns excertos:

Desejo, principalmente enquanto professora, ser mais valorizada, que os governos invistam mais em Educação. O Maranhão ainda tem índices alarmantes de déficit educacionais por falta de investimentos na Educação Básica. Penso que essas duas coisas, valorização profissional e uma escola estruturada, transformarão a sociedade e me realizarei enquanto pessoa e enquanto profissional. (Professor 1, grifo nosso, servidor sistema público).

Eu penso nesta situação todos os dias, tenho pensamentos instáveis, entre angústia e esperança. Sei que o mundo não será como antes, o que mais me deixa triste é o distanciamento das relações pessoais. É difícil ter perspectiva, neste momento, mas procuro continuar o desenvolvimento dos projetos pessoais e profissionais. (Professor 2, grifo nosso, servidor sistema público)

A pandemia da Covid-19, em primeiro lugar, trouxe medo em relação à saúde, o que ainda permanece, e depois, no campo profissional, o trabalho dos professores nas escolas, como muitas outras atividades humanas, sofreu um grande impacto, alterando a realidade de todos os envolvidos no processo educacional. A expectativa é que sejamos mais solidários uns com os outros, e quando tudo isso passar, e que o professor, como agente transformador das pessoas na sociedade, seja mais valorizado e respeitado. (Professor 6, grifo nosso, servidor sistema público).

Espero poder contribuir de forma mais eficiente e direta na formação dos alunos, através de estratégias que possam incentivar o desejo pelo conhecimento e progresso pessoal por parte dos alunos. Procurar, apesar das dificuldades, desenvolver um bom trabalho. (Professor 9, grifo nosso, servidor sistema público).

Eu sinto pânico só em pensar num retorno, onde ainda não se conseguiu combater o vírus. Penso também que todos, professores e alunos, estão afetados emocionalmente, tendo em vista a perda de familiares de alunos e professores. Acredito que será um retorno cheio de dúvidas, medos e recuos. Muitos alunos (sobretudo os da zona rural), podem não retornar. (Professor 10, grifo nosso, servidor sistema público).

Espero que a pandemia, enquanto professor cruel, conforme afirma Boaventura dos Santos em uma de suas *lives*, nós proporcionamos o ensinamento do real sentido do viver em comunidade e em harmonia com a natureza e com o planeta. Como professora, espero que no pós-pandemia eu consiga trabalhar a prática educativa em uma perspectiva de construção de novas aprendizagens, saberes e conhecimentos, agregados à minha profissionalidade. (Professor 12, grifo nosso, servidor sistema público).

Espero poder voltar para sala de aula logo, pois me sinto muito afetado emocionalmente em saber que não tenho contato físico e pessoal com os alunos, outros professores e colegas. Sinto necessidade de ter cheiros, gostos, prazeres e sabores que a escola e o cotidiano possam me propiciar. Quando eu retornar para as aulas presenciais, acredito que terei muito mais vigor e vitalidade para fazer muitas coisas que sempre pensei, mas que ainda não tive coragem de fazer. (Professor 15, grifo nosso, servidor sistema público).

Há uma incerteza quanto ao retorno, defendo que haja aulas presenciais somente no próximo ano, mesmo que haja um protocolo seguro, o momento é de reflexão, de se pensar nos valores, concepções, etc. (Professor 16, grifo nosso, servidor sistema público).

O sentimento é de frustração, ansiedade e fracasso. Nosso país, nosso estado, nossa escola não estão preparados para atender uma clientela necessitada neste momento. (Professor 20, grifo nosso, servidor sistema público).

A perspectiva é de mudança, o mundo não será o mesmo, nem as pessoas. As escolas e universidades não são as mesmas, principalmente no quesito de conceber aprendizagem. A tendência é que a tecnologia se incorpore na rotina de ensino de diversas formas. A metodologia ativa também será reforçada. E teremos o desafio de garantir oportunidades iguais com qualidade e equidade aos alunos. (Professor 22, grifo nosso, servidor sistema público).

Acho que depois dessa pandemia, todos vão mudar suas atitudes, vão dar valor às coisas simples como abraço, beijo, respirar ar puro e principalmente a limpeza. (Professor 26, grifo nosso, servidor sistema público).

Os fragmentos de fala acima ratificam o medo, as incertezas, angústias e inseguranças que o contexto da pandemia provoca em relação às perspectivas pessoais e profissionais futuras dos/as professores. No entanto, conclamamos à necessidade de reflexões coletivas sobre a inequívoca certeza sobre os impactos dos efeitos pandêmicos no espraiamento de uma concepção de educação centrada numa lógica economicista e mercadológica, ancorada em uma racionalidade tecnológica instrumental, esvaziada teoricamente, comprometida com a heteronomia e responsabilização docente. Essas são questões fulcrais a não se perderem nas águas turvas das incertezas e angústias do campo educacional.

Corroboramos com Malaggi (2020, p.67) e conclamamos aos/as professores/as a refletirem que, a adoção de EaD na Educação Básica, em tempo de pandemia,

[...] trata-se do rebaixamento da autoridade docente, sua diluição em plataformas tecnológicas, na figura dos pais/mães ou responsáveis, na atividade de especialistas e youtubers. Enquanto estratégia de poder, advoga pelo enfraquecimento da categoria enquanto classe trabalhadora consciente do seu papel social, em um contexto no qual a regra é a falta de diálogo com os(as) educadores(as) na definição das opções adotadas.

Nesse cenário, enfatizamos que o momento é para reflexão/ação, para indagar e desvelar os fundamentos e valores que orientam as concepções de educação, formação, currículo, docência, ensino, aprendizagem que nortearam as tomadas de decisões no campo educacional, justificadas pelo período pandêmico, enquanto uma verdadeira panacéia. Nesse esteio, atrelada à inegociável necessidade de “maior investimento em capacitação tecnológica, pois a tendência é que a tecnologia se incorpore na rotina de ensino de diversas formas”, conforme fragmento de fala de um dos participantes da pesquisa, não se pode perder de vista que tecnologia e técnica não são conceitos neutros, e requer tomada de decisão consciente sobre seus fundamentos, articulados à função social da educação, numa perspectiva de emancipação. É por meio de reflexões dessa natureza que devemos buscar tensionar “certezas” sobre a educação que queremos, tal como a expressa no fragmento de fala de um/a do/as participantes: A metodologia ativa também será reforçada. Ser professor no Pós-Pandemia é reconfigurar novos estilos da minha prática pedagógica, de modo que está se adeque à nova forma de trabalho da escola e seu currículo. Para a problematização dos elementos contidos neste fragmento, buscando evidenciar principalmente a expressão “adeque”, do excerto acima, não percamos de vista, como elucida Iasi (2020, s/p) que,

[...] a pandemia vai passar. O Brasil que emergirá dela será um país capitalista em crise com uma ordem burguesa em conflito interno e uma nação fraturada. Uma sociedade de classes na qual os 10% mais ricos detêm mais de 74,2% da riqueza do país, com o SUS ameaçado e as universidades desprestigiadas, na

qual os preconceitos, o irracionalismo e o obscurantismo foram liberados, e onde o racismo, a homofobia, o machismo e a violência colonialista matam diariamente, violenta a infância e despreza a velhice.

Corroboramos com MalagGI (2020) sobre a necessidade de elucidar e contextualizar que a existência, o modo de viver, são historicamente situados e condicionados pela forma como homens e mulheres os organizam, assim sendo, por esta perspectiva de abordagem, se faz imperioso, pensar e refletir a realidade, numa busca por transcender os fatos dados, num movimento reflexivo de totalidade e crítica, de situá-los num contexto mais amplo e histórico, buscando desvelar que a adoção do suposto Ensino remoto, “[...] a adoção acrítica da EAD, enquanto paliativo em tempos de crise - como a que vivemos atualmente na pandemia de coronavírus” (MALAGGI, 2020, p.69), enquanto remédio para a cura, encobre uma visão de sociedade e conceito de educação.

Nesta visão de formação, o ensino, em sua dimensão de intervenção educativa consciente, pautada em princípios político-pedagógicos é subjugado às plataformas tecnológicas, e o/a professor/a reduzido a um mero facilitador da (auto)aprendizagem dos alunos (MALAGGI; SILVA; TEIXEIRA, 2018), orientado por noções pedagógicas alicerçadas em uma concepção de (semi)formação humana, derivada de interações reificadas, para os quais a intervenção pedagógica é transferida de forma instrumental e técnica. (MALAGGI, 2020).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O período pandêmico trouxe desafios à sociedade como um todo, impactando a vida e as relações humanas no Planeta: “A pandemia da Covid-19 é uma crise global, sanitária, econômica e social excepcional. Poucos acontecimentos históricos podem ser comparados a ela, pelo menos na escala das últimas décadas.” (DARDOT, LAVAL, 2020). Esse cenário ditou imperativamente a necessidade de isolamento social e conseqüentemente a suspensão de funcionamento em instituições educacionais, comércio, espaços diversos, de modo a conter a circulação de pessoas e prevenir a disseminação do Coronavírus. Por orientação normativa, foi decretada a suspensão do atendimento presencial nas unidades de ensino das redes públicas e privadas no país, a partir da segunda quinzena de março de 2020. As orientações preconizadas no país também foram acatadas em Caxias, cidade do Estado do Maranhão, localidade que situa o recorte de estudo dessa pesquisa, “impondo-se como necessário”, reinventar o desenvolvimento das práticas pedagógicas no âmbito escolar das redes públicas e privadas do município. O estudo contou com a participação de 27 (vinte e sete) professores/as que atuam na Educação Básica, em escolas públicas e privadas e desenvolveram atividades pedagógicas de modo remoto, durante o período pandêmico.

Através do mapeamento da realidade vivenciada por esses professores/as, por meio de suas narrativas, em respostas às categorias de análise, são desvelados elementos de um contexto que agudiza a intensificação da precarização do trabalho docente, o aumento da responsabilização, a invisibilização desses profissionais, amalgamados à intensificação do uso da técnica, orientada por uma racionalidade tecnológica instrumental, sem compromisso com uma proposta de formação humana integral e emancipatória, consubstanciada com a heteronomia e aludida enquanto verdadeira panacéia.

O fragmento de fala de um dos sujeitos participantes do estudo revela a autopercepção docente em relação à valorização profissional e pessoal, ao acompanhamento e suporte pedagógico/emocional/psicológico: Se antes da pandemia já éramos desvalorizados, agora foi que ficamos na “geladeira” e esquecidos. Não sabemos o que fazer, nem como, até porque tivemos uma formação inicial que não nos preparou para isso, sobretudo, no uso das tecnologias, além do mais, nos sentimos desamparados e sem ações efetivas e claras dos órgãos públicos. (Professor 15, grifo nosso, servidor sistema público). Infere-se que a precarização do trabalho docente, o aumento da responsabilização, a desvalorização profissional do/a professor/a e da Escola Pública são elementos constitutivos de uma lógica (ir)racional, ideologicamente consensualizada durante a Pandemia COVID-19

Nesta dimensão, Macedo e Lima (2017) rememoram que os fundamentos sociais e políticos que ancoram esse ideário de educação e (semi)formação (grifo nosso), ‘treinar, adestrar, transmitir, medir’ (MALAGGI, 2020), remontam à década de 1990, e estão relacionados às políticas públicas de formação de professores, orientadas por pressupostos economicistas, mercadológicos e privatistas. Assim sendo,

não é um fenômeno novo, acidental, contingente, mas catapultado pela Pandemia COVID-19, que “justifica” a amplificação, imposição e supremacia dos produtos do mercado educacional e interesses privatistas, como “o caminho” possível em virtude das circunstâncias impostas pela pandemia COVID-19, uma verdadeira “Panaceia tecno-educacional”, “remédio para todos os males” ou “o que se emprega para remediar dificuldades” (MALAGGI, 2020).

Faz-se necessário demarcar que “Ensino remoto” e Educação à distância não são a mesma coisa. A Educação à distância, conhecida como EAD, é uma modalidade de ensino, prevista na LDBEN n. 9396 (BRASIL, 1996). O “Ensino remoto”, um arremedo da EaD, imposto à Educação Básica, desde a Educação Infantil,

[...] no contexto da pandemia, o termo “ensino remoto” se popularizou. O isolamento social, necessário para impedir a expansão da infecção por Covid-19, fez com que as atividades presenciais nas instituições educacionais deixassem de ser o “normal”. Por isso, as instituições educacionais passaram a utilizar de forma generalizada estratégias de EaD. O problema é que, para manter as atividades regulares funcionando na “nova normalidade” criada pela pandemia de Covid-19, muitas instituições, especialmente do setor privado, começaram a utilizar estratégias que violavam a legislação vigente utilizando um eufemismo: o ensino remoto. Outros nomes mais pomposos também foram utilizados para ocultar o processo de imposição de arremedos de EaD: “Ensino por meio de Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC), Calendário Complementar, Estudo Remoto Emergencial etc.” (ANDES-SN, 2020, p. 12-13 apud SAVIANI, GALVÃO, 2021, p. 38).

A Educação Pública exige e necessita de posicionamento crítico do/a profissional docente em tensionar o fenômeno além de sua aparência. As “novas” exigências em torno do trabalho docente estão imbricadas com processos pré-determinados na vida do trabalhador docente, principalmente ao que Motta e Andrade (2020) denunciam enquanto processos de mercantilização, mercadorização e subsunção da educação ao empresariado, o que conceitua de “empresariamento da educação de novo tipo”, que expressa o interesse, a ação e os efeitos deletérios das classes dominantes sobre a educação escolar. A partir dessa (ir)racionalidade, “[...] A educação deixa de ser um trabalho de esclarecimento, de abertura das consciências, para tornar-se doutrinação, convencimento e treinamento para a eficácia dos agentes que atuam no mercado. (SAVIANI, 2011, p.441).

No contexto desta crise sanitária, alertamos para que, além da fundamental análise sobre as condições materiais e objetivas que circunstanciam o fenômeno, que haja um olhar e escuta os docente, de modo a também ser um caminho rico para evidenciar o campo educacional e suas relações no período pandêmico e perspectivas pós-pandemia covid-19, de modo a fomentar ações do Estado brasileiro, enquanto órgão competente e responsável, de modo a garantir as condições pelo funcionamento do processo educativo, numa acepção inclusiva e emancipatória.

As angústias e incertezas expressas nas vozes dos professores aqui trazidas, evidencia um/a professor/a desamparado/a, desassistido/a emocionalmente e nos aspectos formativos, tomado por uma configuração concreta do medo. Essa configuração é atravessada seja pelo medo de contágio, pela incipiente testagem, pela precariedade da assistência médica e hospitalar, pela instabilidade de protocolo que assegurasse o tratamento medicamentoso, pela letalidade da doença. Desta forma, o contexto pandêmico deixou impactos negativos na profissão docente bem como na educação de um modo geral. Levaremos anos para superar os problemas vivenciados na atualidade.

Os sentimentos e angústias apresentados nas narrativas se traduzem numa agudização da negação dos anseios dos docentes, haja vista que antes do período pandêmico, esse viés de olhar e escuta, já era negado pelas instâncias de gestão do sistema educacional. Pouco ou quase nada era considerado no entorno da subjetividade docente. Nunca foi tão necessário o olhar institucional de cuidado sobre a saúde física e mental do professor/a, uma vez que agora lhe são impostas, de forma mais intensa, os efeitos das mazelas sociais, condução e atalho a um processo de adoecimento emocional. Nesse sentido, além da garantia das condições materiais e estruturais com vistas a um

processo formativo emancipatório, o olhar voltado à subjetividade docente deve se constituir também enquanto possibilidade de conhecimento para fomento de ações a serem contempladas pelo Estado brasileiro, por meio de políticas públicas educacionais.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. [Trad. Luiz Antero Rego e Augusto Pinheiro]. São Paulo: Ed. 70, 2011.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Lei de diretrizes e bases da educação nacional**. Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2017.

BRASIL. Ministério da Educação – Conselho Nacional de Educação. **Reorganização do Calendário Escolar e da possibilidade de cômputo de atividades não presenciais para fins de cumprimento da carga horária mínima anual, em razão da Pandemia da COVID-19**. 2020c. Disponível em: https://www.semesp.org.br/wp-content/uploads/2020/05/Parecer-CNE-CP_5_2020.pdf. Acesso em: 28 maio 2020.

BRASIL. **Medida Provisória nº 934**, de 1º de abril de 2020. Estabelece normas excepcionais sobre o ano letivo da educação básica e do ensino superior decorrentes das medidas para enfrentamento da situação de emergência de saúde pública de que trata a Lei nº 13.979, de 6 de fevereiro de 2020d. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/medida-provisoria-n-934-de-1-de-abril-de-2020-250710591> Acesso em: 01 out. 2020.

BRASIL. **Lei nº 13.979**, de 06 de fevereiro de 2020. Dispõe sobre as medidas para enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do coronavírus responsável pelo surto de 2019. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2020/lei/l13979.htm Acesso em: 01 out. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **Conselho Nacional de Educação**. Parecer CNE/CP nº 14/2020, pela Portaria MEC nº 882, de 23/10/2020.

DARDOT, P. LAVAL, C. Dardot e Laval: A prova política da pandemia. **Blog da Boitempo**. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2020/03/26/dardot-e-laval-a-prova-politica-da-pandemia/> Acesso em: 07 de jan. 2021.

DELORY-MOMBERGER, C. Biografia e educação: figuras do indivíduo-projeto. Tradução de Maria da Conceição Passeggi, João Gomes da Silva Neto, Luis Passeggi. Natal, RN: EDUFRRN; São Paulo: Paulus, 2008.

GOEDERT, L.; ARNDT, K. B. F. Mediação pedagógica e educação mediada por tecnologias digitais em tempos de pandemia. **Criar Educação**, Criciúma, v. 9, nº2, Edição Especial 2020.

IASI, M. Pré-história, pós-pandemia e o que virá. **Blog da Boitempo**. 2020. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/dossies-tematicos/dossie-coronavirus/#prettyPhoto>. Acesso em: 07 de jan. 2021.

IASI, M. A crise do capital: a era da hipocrisia deliberada. **Revista Praia Vermelha** / Rio de Janeiro / v. 19 nº 1 / p. 25-40 / Jan-Jun 2009.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 2007.

MACEDO, J. M.; LIMA, M. M. Fundamentos teóricos e metodológicos da precarização do trabalho docente. **Revista Trabalho, Política e Sociedade (OnLine)** / Grupo de Pesquisas Sobre Trabalho, Política e Sociedade, Instituto Multidisciplinar, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Vol. II, nº 03. Nova Iguaçu (RJ): GTPS/UFRRJ, 2017.

MALAGGI, V. Tecnologia em Tempos de Pandemia: a educação a distância enquanto panaceia tecnológica na educação básica. **Criar Educação**, UNESC: Criciúma, v. 9, nº2, Edição Especial 2020. Disponível em: <http://periodicos.unesc.net/criaredu/article/view/6047>. Acesso em: 07 de jan. 2021.

MARCON, K. Inclusão e exclusão digital em contextos de pandemia: que educação estamos praticando e para quem? **Criar Educação**, UNESC: Criciúma, v. 9, nº2, Edição Especial 2020. Disponível em: <http://periodicos.unesc.net/criaredu/article/view/6047>. Acesso em: 08 de jan. 2021.

MOTTA, V. C.; ANDRADE, M. C. P. O empresariamento da educação de novo tipo e suas dimensões. **Educação & Sociedade**, v. 41, p. 1-13, 2020.

RIPA, R. Apresentação do Dossiê: Reflexões interdisciplinares sobre a Pandemia causada pela Covid-19. **Criar Educação**, Criciúma, v. 9, nº2, Edição Especial 2020. Disponível em: <http://periodicos.unesc.net/criaredu/article/view/6047>. Acesso em: 07 de jan. 2021.

SAVIANI, D.; GALVAO, A. C. **Educação na pandemia**: a falácia do 'ensino' remoto. *Universidade e Sociedade (Brasília)*, v. 67, p. 36-49, 2021.

SAVIANI, D. Como avançar? Desafios teóricos e políticos da pedagogia histórico-crítica hoje. In: PASQUALINI, J. C.; TEIXEIRA, L. A.; AGUDO, M. M. **Pedagogia histórico-crítica**: legado e perspectivas. Uberlândia: Navegando Publicações, 2018.

SAVIANI, D. **Histórias das ideias pedagógicas no Brasil**. 3. ed. Coleção memória da educação Campinas, SP: Autores Associados, 2011.



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/).